AC: Sim, em Grenoble exactamente e mais propriamente no Judo Club Dauphiné que nessa altura era um clube com grande projecção. O Director do Judo Club era um senhor dos seus 40 anos que se chamava Corbele e que nessa altura já era 4º Dan de Judo.

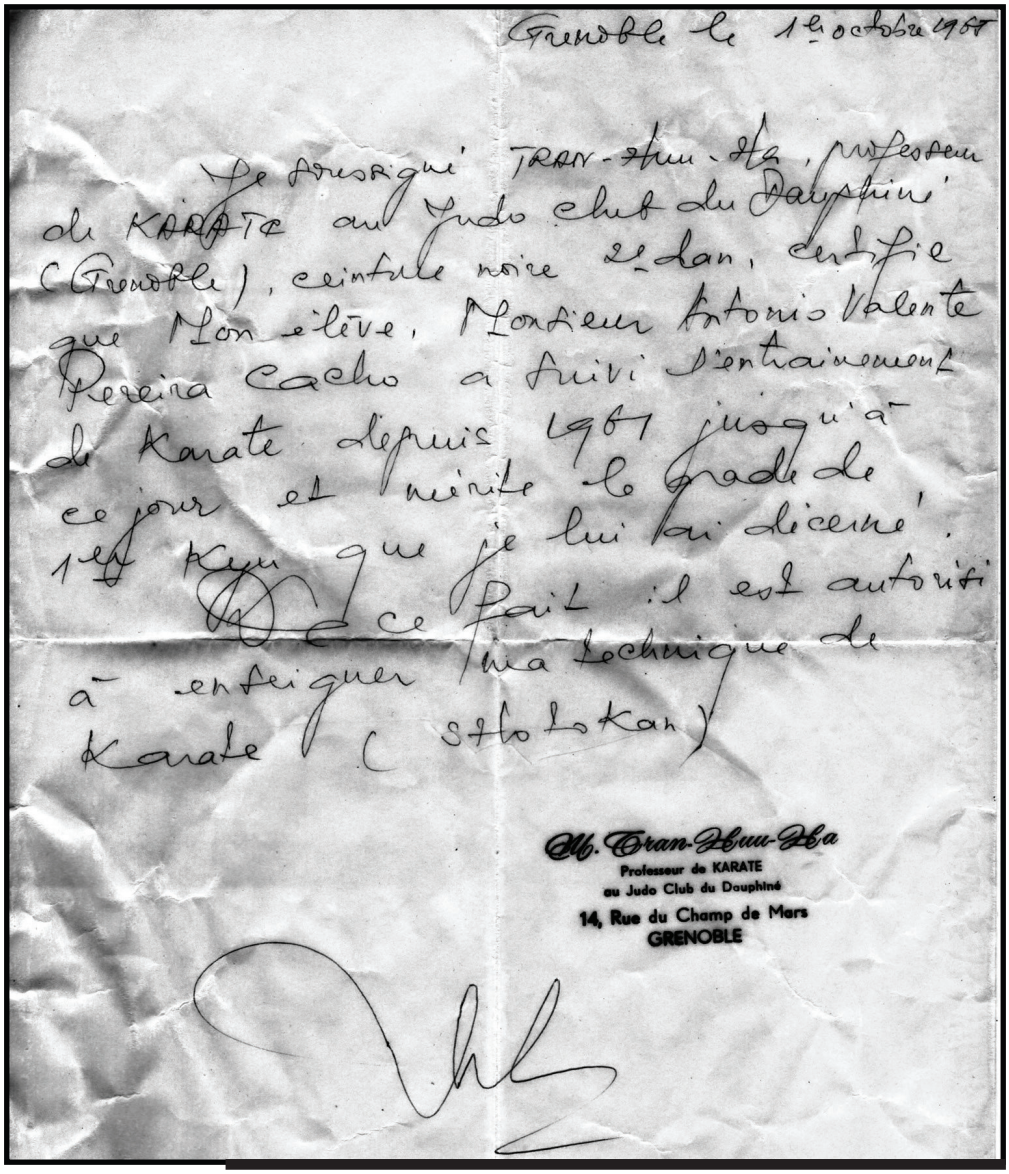
JP: Quer dizer que o Club Dauphiné era originalmente um clube de Judo?
AC: Sim, era um clube de Judo onde se criou uma secção de Karate.

JP: Foi o Tran que a inaugurou, então. E ele nessa altura não lhe chamava Viet-vo-dao, pois não? Era Karate?
AC: Era Karate. O Tran dizia ser Shotokan.

JP: Se calhar porque nessa altura não se fazia grande distinção entre Viet-Vo-dao ou Kung-fu. E ele chamava à sua arte: "Karate"!?...
AC: Aquilo que te posso dizer foi aquilo que realmente ele nos disse. Eu sempre acreditei nele como Mestre. Aliás tenho uma fotografia a fazer *Jyu-Kumite* com ele, em que ele tem um cinto vermelho e branco. É uma fotografia minha de grande dimensão em "combate-livre". Acontece que tenho uma notícia de um jornal francês – Dauphiné Libéré – com data bem precisa, com um apontamento de uma demonstração que foi feita pelo Judo Clube Dauphiné, demonstração de Judo e de Karate, porque havia a secção de Judo e a secção de Karate. No citado artigo está referido quem fez a demonstração de Judo e quem fez a demonstração de Karate, com o Mestre Tran-Huu-Ha que, nessa altura era 2º Dan. E eu estou convencido que quando ele veio pela primeira vez a Portugal ainda era 2º Dan. E não sei quais eram os mecanismos de graduação, mas admito perfeitamente que, com a graduação que lhe era reconhecida nessa altura, ele não me pudesse dar a graduação de 1º Dan. Mas não sei. Nada disto está escrito.

JP: Eram tempos de pioneirismo. Era um pioneirismo também na Europa. O Karate tinha acabado de chegar à Europa...
AC: Mas esses aspectos também não são muito importantes. Não são.

JP: O mais importante destas coisas, como tu dizes, é o que fica depois de se perder tudo o que não interessa. E o que fica é a amizade, é a relação entre as pessoas. E essa relação de amizade, de compromisso, de fidelidade com o teu Mestre Tran-Huu-Ha, isso é que importa, os graus são secundários.
AC: Exacto. Mas há uma coisa importante, os documentos que existem, em termos fotográficos dessa altura, mostram uma técnica de base, e já uma


Grenoble le 1er octobre 1967

Je soussigné TRAN-HUU-HA, professeur de KARATE au Judo Club du Dauphiné (Grenoble), ceinture noire 2e dan, certifie que Mon élève, Monsieur Antonio Valente Pereira Cacho a suivi l'entraînement de Karate depuis 1967 jusqu'à ce jour et mérite le grade de 1er Kyu que je lui ai décerné.

De ce fait il est autorisé à enseigner ma technique de Karate (Shotokan)

Th. Tran-Huu-Ha
Professeur de KARATE
au Judo Club du Dauphiné
14, Rue du Champ de Mars
GRENOBLE

Certificado de 1ºKyu do Mestre António Cacho

consistência dentro do trabalho do Karate que hoje, só vinte ou trinta por cento das escolas de Karate é que têm.

JP: Portanto o Mestre Tran-Huu-Ha já tinha muita bagagem, digamos assim.
AC: Muita!

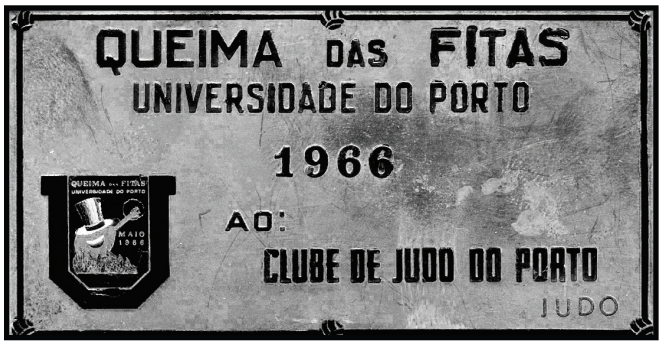
JP: E quando é que começaste a ensinar Karate no Porto?
A.C: Em Setembro de 1965 fui do Porto a Grenoble para buscar o resto das minhas coisas que ainda lá estavam. Fiquei aí durante uma semana. Entrei em contacto com o meu Mestre, para me despedir dele. O Mestre

Tran-Huu-Ha ao ter conhecimento de que eu não voltaria para Grenoble, convenceu-me a continuar a praticar o Karate em Portugal mas, para isso, devia de aprender algumas coisas mais, que me faltavam. Para ajustamento da minha técnica fiquei uma semana em Grenoble a treinar todos os dias, individualmente, com o Tran, entre duas a três horas. No final ele graduou-me 1º Kyu e dessa graduação me deu um certificado.

JP: Temos hoje, aqui, os actuais "guardiões do templo". Portanto, conta-nos lá como é que nasceu o Bushidokan...

AC: O Bushidokan nasceu da necessidade de criar um espaço próprio para o Karate. Como dizia antes foi em 1965 que voltei para Portugal. Nessa altura eu, em viagem de núpcias, fui a Grenoble e fiquei oito dias a trabalhar com o Tran sozinho no Dojo, no Judo Clube Dauphiné. Portanto, todos os dias nós trabalhávamos entre duas a três horas, em que ele me ensinou particularmente. Eu tive de pagar as horas todas de trabalho que ele teve comigo mas, ao fim de uma semana, eu sabia completamente as cinco Heian, todas as formas de defesa pessoal. Tudo aquilo que fazia parte do ensinamento do Tran, ele transmitiu-me. Não guardou "nada na manga". Deu tudo aquilo que achava necessário para eu poder receber a graduação que me atribuiu nessa altura e que era de 1º Kyu, com o compromisso de eu vir para Portugal e ensinar aquela técnica que ele me tinha transmitido. Ora eu para poder fazer isso precisava de um espaço para trabalhar. Fui ao Club de Judo do Porto e perguntei se eles tinham algum horário livre para eu poder trabalhar. Naquela altura já não me lembro quem era o Director do Club de Judo, mas ele disse: "Sim senhor temos aqui uma ou duas horas". Havia lá cursos de Judo. Eu levava o meu quimono e quando estes acabavam eu ficava lá a trabalhar. Mas havia pessoal que saía do balneário e ficava algum tempo a observar um indivíduo sozinho a trabalhar umas coisas esquisitas. E começaram a ter curiosidade e foram ficando para ver. Não demorou um mês que não me pedissem para ensinar aquela técnica. Eu fui falar com o Director e disse-lhe: "Olhe passa-se isto assim, assim, há possibilidade de criar aqui no Club de Judo uma secção de Karate?" "Sim, Senhor!", disse ele. Quero crer que nem sequer paguei o aluguer da sala, porque os meus alunos eram alunos de Judo, ou então algum outro que vinha e que não queria integrar-se no Judo mas que preferiu fazer Karate. E o trabalho desenvolveu-se muito rapidamente, porque eu trabalhava praticamente só as técnicas de base, a ginástica eles tinham, não havia necessidade de criar uma compleição física para um praticante de Judo, porque já a tinha. Tudo isto se passou em Novembro de 1965. Então, no ano seguinte, por altura da "queima das fitas" – no final de Abril

ou princípio de Maio – a comissão organizadora da "queima das fitas" convidou diversas instituições a fazer uma apresentação do seu trabalho, e convidou o Club de Judo do Porto. Aí é que surge aquele fenómeno que a gente não sabe se é o acaso, se é o destino: o Judo clube não tinha nada preparado para fazer uma demonstração. De modo que disseram assim: "Não faz mal, vão os "gajos" do Karate!" Ora bem, nós também não tínhamos nada preparado. Mas eu disse para os meus alunos: "Não há problema nenhum, nós chegamos, entramos, fazemos um bocado de ginástica, apresentamos Kihon, apresentamos Ippon-kumite, fazemos a nossa demonstração como se fosse uma aula. Vocês não se preocupem, só têm de estar atentos às minhas ordens." E assim foi. Lá fomos para o Palácio de Cristal.



JP: Portanto a primeira demonstração de Karate no Porto ocorreu na "queima das fitas" em 1966.

AC: Exactamente. Eu tenho uma placa oferecida pela comissão da "queima das fitas" que está em nome do Club de Judo do Porto, porque nós é que fomos representar o Club de Judo do Porto. A placa foi-nos dada a nós e eu guardei-a.

JP: Portanto recapitulando: Na queima das fitas tu recebeste a placa em nome do Club de Judo do Porto...

AC: Ora bem, então aquilo foi muito engraçado, porque nós naquela altura, éramos todos, todos "Espírito Budo". O Budo na sua essência. A gente chegou, mandaram-nos entrar, entrámos todos em fila indiana, parecia uma galinha e os pintainhos. E quando estávamos a chegar ao quadrado central que estava delimitado no pavimento, era assim a malta: "Olha os padeiros!" Gozavam, claro está, gozavam connosco. Mas nós não reagimos. Repara que ainda estávamos todos de quimono e cinto branco. Eu era o único que tinha o cinto castanho. Quando começámos a trabalhar, fez-se um silêncio sepulcral. O Palácio de Cristal é grande e estava muita gente, aquilo ali havia diversas demonstrações. Quando nós terminámos, depois de termos feito Kumite e todas as outras coisas, dirigimo-nos para a saída, toda a malta em fila indiana a caminho dos balneários, toda a gente fez a saudação, e eu fui o último a sair e saudei também. Quando eu estou a sair, já vinte metros ou trinta depois de ter saído do perímetro de

demonstração, aí é que o público reagiu e começaram todos aos berros, aos gritos, aos saltos e desfizeram-se em aplausos.

JP: Primeiro ficaram em silêncio!?

AC: Claro. Oh pá, calcula o tempo que foi, em silêncio, para eu fazer vinte metros em passo normal... A malta ficou assim um bocado siderada. Nunca tinham visto nada daquilo!

Na fila, de trás da direita para a esquerda: Alexandre Gueifão, António Cacho e Simões, juntamente com os alunos da classe do Bushidokan. 2 de Fevereiro de 1967

JP: Portanto o público gostou muito e, provavelmente, começaram a aparecer mais pessoas à tua procura?

AC: O que acontece não é o gostar ou não gostar, conseguiu-se lá dentro, não posso avaliar a nossa qualidade técnica, nem da maneira como correu, mas o que é certo é que "calámos as bancadas"!

JP: E foi a primeira vez que se fez uma grande demonstração pública de Karate, não só no Porto. Talvez fosse a primeira demonstração de Karate para o grande público em Portugal.

AC: Claro!

JP: Porque em 1963, 1964, que eu saiba, o Karate da União Portuguesa de Budo não se demonstrava ao público, devido à posição do Ministério da Defesa, o Karate era muito controlado e era praticado de uma forma muito fechada. Portanto há que verificar se essa demonstração no Palácio de Cristal em 1966 foi, ou não, a primeira demonstração de Karate para o grande público no nosso país.

A legalização do Bushidokan, em termos da União Portuguesa de Budo, surgiu quando foi ao Bushidokan aquela delegação, que incluiu o Rebola, o Gueifão, o Simões que vieram ao Bushidokan com o Dr. Pires Martins para homologar o Dojo!?...

AC: Sim repara, nessa altura, quase em coincidência com a homologação da minha graduação, pouco depois de me terem conferido a graduação de 1º Dan a nível Nacional pela União Portuguesa de Budo, ou quase de imediato a seguir, foram elaborados os Estatutos do Bushidokan como entidade, como clube, os quais foram aprovados pela Segurança Nacional, pelo Ministério da Defesa.